e no seu real contexto social. Trata-se de um estudo de um «modo de invalidação social», no duplo sentido de remissão do indivíduo à passividade de «doente» e de processo de anulação da vivência pessoal do «esquizofrénico».

O livro contém uma introdução na qual o autor desenvolve esquemàticamente as coordenadas teóricas que considera pertinentes, coordenadas essas que relevam fundamentalmente do quadro conceptual fenomenológico-existencial (Sartre) e que segundo o autor permitem com mais rigor ler a densidade totalizante das relações inter-pessoais, no caso concreto deste trabalho, a realidade micro-social do processo «esquizofrénico».

Se para a perspectiva psiquiátrica tradicional existe uma entidade nosológica designada «esquizofrenia», o ponto-de-vista escolhido pelo autor nega a existência de tal entidade patológica. A definição por Cooper proposta de «esquizofrenia» centra-se numa situação conflitual micro-social e sugere a devolução da crise assinalada num membro dum grupo (familiar) ao grupo em si. Assim o problema central é o da estruturação da matriz do comportamento do «doente» seguida da relacionação desta com o que na história das inter-acções do «doente» com os outros, em especial os do núcleo familiar, pode ser tido como determinante da crise.

O quadro teórico de Cooper quer-se adequado à natureza da análise em vista de forma a poder contribuir para a construção duma «ciência das pessoas» (ou «ciência da inter-acção pessoal»). Contesta o autor a importação «envíezante» dos princípios ajustados às ciências naturais para a área das pesquisas em ciências humanas. É a delicada questão da especificidade do objecto nestas últimas ciências que é posta. Se os dados de observação das ciências humanas diferem daqueles que constituem o objecto das ciências naturais, se nas ciências humanas a relação sujeito-objecto é em rigor sujeito/objecto face a sujeito/objecto (relação ontològicamente contínua), diferente do que se passa nas ciências naturais onde esta relação é sujeito face a objecto (relação ontològicamente descontínua) — estes dois tipos de relação implicam respectivamente a interioridade e a exterioridade de sujeito face ao campo observado —, é o problema do estatuto onto-epistemológico das ciências humanas que está também contemplado na introdução.

São matérias de grande importância na construção das ciências humanas em geral e, em particular, de uma «sociologia da instituição psiquiátrica» (domínio da «teoria do sistema psiquiátrico») as que Cooper explora ainda nos capítulos primeiro e segundo: o problema prático da «esquizofrenia» perspectivado quer na linha das análises teóricas feitas nos E. U. A. sobre a família quer na do quadro fenomenológico de Laing e Esterson.

O terceiro capítulo é a descrição compreensiva da trajectória clínica de um jovem «esquizofrénico», a leitura crítica da sua realidade familiar e a explicitação da rede apertada de vínculos alienantes gerados no interior da mesma. No quarto e quinto capítulos o autor analisa a irracionalidade institucional vigente, e descreve os princípios e a prática duma unidade terapêutica institucional («Pavillon 21») numa linha renovada da «comunidade terapêutica» de Maxwell Jones.

Trabalho de anti-psiquiatria este livro de Cooper é tentativa de reabilitação do discurso do «esquizofrénico», é o sublinhar do protesto que o mesmo discurso contém; é a denúncia da função social da instituição psiquiátrica (instância oficial que re-socializa os «desviados» enquadrando-os nas normas dominantes, laboratório social de condicionamento); é afinal mais uma peça do projecto de perfil revolucionário (utópico) — a anti-psiquiatria — que em muitos pontos retoma o dos surrealistas dos anos 20.

Eduardo Freitas

DE COSTER, Sylvain e HOTYAT, Fernand — *La sociologie de l'éducation* — Ed. de l'Inst. de Sociologie, Univ. Libre de Bruxelles, 1970, 344 p.

Entre as várias colecções editadas pelo Instituto de Sociologia da Uni-

versidade Livre de Bruxelas, conta-se a «Colecção de ciências pedagógicas e de sociologia da educação», na qual foram já publicadas várias obras, resultantes da investigação levada a cabo em centros pertencentes àquela Universidade ou de trabalhos de outros investigadores. Na sua quase totalidade, os autores dessas obras são de nacionalidade belga e os problemas, assuntos ou temas versados relacionam-se com a pedagogia e os sistemas de educação e de ensino na Bélgica. O número e o interesse dos trabalhos publicados na referida colecção é um índice significativo da atenção que a estes assuntos é dispensada no âmbito das actividades docentes e de investigação na Universidade Livre de Bruxelas.

Sylvain De Coster e Fernand Hotyat não são nomes novos no sector dos estudos e da acção em matéria de educação e ensino na Bélgica e até internacionalmente. Publicaram já vários trabalhos sobre os assuntos em que se especializaram, inclusivé na própria «Colecção de Ciências pedagógicas e de sociologia da educação», onde se inclui esta sua «Sociologia da educação». Através das suas obras publicadas, pode-se verificar que a formação de ambos é bastante eclética, permitindo-lhes recorrer a diversas disciplinas nos estudos que cada um tem efectuado sobre questões de pedagogia e educação, a que especialmente se têm dedicado. Entre os dois autores é, no entanto, Sylvain De Coster quem mais se tem interessado e publicado sobre «os aspectos sociais da educação».

Esta «Sociologia da educação» é, principalmente, uma extensa recolha de resultados obtidos por inúmeras experiências e pesquisas feitas em diversos países e épocas sobre os vários temas que os autores consideram de interesse incluir no objecto da sociologia da educação. Constitui, por isso, um bom manancial de informação, talvez com mais interesse, quanto a nós, para os especialistas das ciências pedagógicas que procurem reconhecer os limites da confluência do seu estudo com o das ciências sociais. Parece-nos, com efeito, que o abundante material factual apresentado não é teòricamente enquadrado tanto quanto seria indispensável para que resultasse uma construção científica, uma sociologia da educação. Na verdade, pode mesmo perguntar-se se essa tarefa seria possível, dado o estado actual do desenvolvimento da teoria sociológica e a vastidão do campo temático que os autores definiram.

Este livro está dividido em seis capítulos que terminam, cada um, com uma bibliografia sobre os assuntos tratados. No final do livro aparecem ainda uma bibliografia complementar, dividida por assuntos, e outra geral. O primeiro capítulo, «Generalidades», fornece algumas indicações sobre os principais elementos e relações que constituem o objecto da sociologia da educação e uma referência muito breve aos métodos que usa. O segundo capítulo, intitulado «Função da educação no sistema social», apresenta algumas considerações de ordem geral sobre o sistema social, sendo explícita a referência à teoria de Henri Janne sobre a matéria e implícita a opção da obra sociológica daquele autor como principal suporte teórico ao longo do livro. Este capítulo contém ainda a apresentação e desenvolvimento de certos temas com o objectivo de situar a função da educação no sistema social, de acordo com a perspectiva de análise subjacente. O terceiro capítulo é dedicado à «Explosão escolar», analisando-se as suas causas possíveis, assim como os seus efeitos, o significado económico do ensino e alguns métodos de avaliação das necessidades e potencialidades em educação. No capítulo seguinte, intitulado «Meios sociais e educação», são analisadas algumas variáveis de natureza social em relação com as modalidades e níveis de educação e ensino, a relação entre ensino e mobilidade social e a democratização do ensino, conforme é definida pelos autores. O quinto capítulo, «Sociologia dos grupos restritos», ocupa-se do estudo da família, da classe escolar ou turma, e da escola enquanto grupos sociais cuja estrutura e funcionamento intervêm no ensino, designadamente no seu rendimento. Ao sexto e último capítulo intitularam

os autores «Balanço da educação» e nele versam sobre alguns aspectos da inadaptação e delinquência juvenis, suas formas e factores, concluindo com considerações várias sobre as acções sócio-pedagógicas que deverão ser adoptadas, segundo os autores, pelas instâncias educativas com vista à obtenção pelas crianças e adolescentes de uma «maturidade equilibrada», e sobre as que se deverão seguir na prevenção e tratamento de casos de inadaptação.

Como já foi referido, a bibliografia é muito extensa, mas é de estranhar que a maior parte dos trabalhos que nela figuram tenham sido publicados há mais de dez anos. Alguns problemas que recentemente têm merecido a atenção de especialistas da sociologia da educação e da juventude, tais como, por exemplo, os movimentos juvenis e estudantis actuais, não são abordados.

Marinho Antunes

TOFFLER, Alvin — *Future Shock* — Bodley Head Ltd., Londres, 1970 (existem tradução francesa e edições em «paperback» da Bantham Books e da Pan Books), 517 p.

Trata-se de um livro menor e, entretanto a sua leitura é essencial para quem se quiser situar no cruzamento complexo do passado imediato com o futuro previsível; ou seja, não se podem ignorar certos registos e afirmações que este livro contém se quisermos ter uma noção aproximada do que é o presente que vivemos.

Alvin Toffler é um jornalista americano — o que justificará um certo estilo que corre frequentemente o risco de cair na armadilha da imaginação descontrolada. Mas é, também, um homem que soube recolher a *marginalia* da notícia quotidiana que, embora esquecida numa memória difusa, não deixa de transportar alguns pontos de apoio essenciais do futuro que se constrói. Daqui decorre uma das utilidades principais deste texto: *a acumulação das notícias esquecidas.*

Mas Toffler não se limita apenas a juntar e a combinar essas referências marginais; vai mais longe e procura demonstrar que o esquecimento dessa margem de vanguarda tem um motivo bem concreto: o ser humano não consegue suportar a tensão bio-psicológica provocada pelo ritmo em aceleração da vida contemporânea. Aí se justifica a recusa em recordar todos esses indicadores de mudança. Aí se encontra a origem de um novo tipo de choque traumático: o choque do futuro.

A arquitectura do livro contém-se integralmente neste espaço que parecerá, à generalidade das pessoas, prfeitamente delineado e já há muito preenchido. Não discordando dessa opinião, recolhemos, entretanto, a opinião de C. P. Snow: «*if this book is neglected we shall all be very foolish*». É que a familiaridade do tema pode esconder a recusa de o analisar e o livro de Toffler, com o *terrível* amontoado de referências dispersas, demonstra bem a enorme dificuldade que cada leitor tem em encontrar uma visão completa do futuro que o espera e que, como afirma Toffler, é cada vez mais, o dia seguinte.

Mas nem por isso deixa de ser um livro menor; falta-lhe poder de síntese, falta-lhe um esquema que procure encontrar uma justificação genérica que vá para além da banalidade.

Mas o que lhe falta em rigor científico sobra-lhe em poder exploratório das possíveis vias do futuro. E, recordemo-lo, sem esses elementos de base, nunca será possível encontrar a formulação científica — uma verdade evidente que nos fica depois da leitura deste livro e que nos demonstra que também a investigação tem de correr o risco do *future shock* ou limitar-se a ser uma actividade ainda menor do que este trabalho jornalístico.

J. A. Aguiar

ULLMO, Jean — *O pensamento Científico Moderno* — trad. de Mário Augusto da Silva, Coimbra Editora, Coimbra 1967, 373 p.

Tomando como tema de estudo (descrição e interpretação) o pensamento científico no séc. XIX e pri-